

# CASA DA RUA DO QUELHAS – PAULO MENDES DA ROCHA E INÊS LOBO\*

ERIKA CESARIO  
INÊS AGUIAR  
JÉSSICA FONTES  
JOSÉ SILVA  
LORENA SANTOS  
MARIA PAULA MAGALHÃES

## «DUAS CASAS, PAULO MENDES DA ROCHA, CONVERSA COM CARLOS ANDRADE»

A entrevista em formato vídeo digital *Duas Casas*, produzida em 2018, foi encomendada pela Casa da Arquitectura com o intuito de valorizar o seu acervo relacionado com a obra arquitetónica de Paulo Mendes da Rocha. Foi a partir desta entrevista que foi elaborado o presente estudo sobre a Casa da Rua do Quelhas.

A entrevista em análise foi realizada num contexto de conversa informal, em ambiente fechado, numa sala de estar, no último piso da Casa, com a finalidade de dar a conhecer o projeto da habitação. O proprietário, Carlos Andrade, aparece sentado num sofá, com o olhar direcionado para o entrevistador, revelando a sua posição frontal em relação ao entrevistado, apesar de este estar oculto e fora do enquadramento da câmara. De igual modo, são apenas apresentadas as respostas ao entrevistado, sendo omitidas as perguntas realizadas pelo entrevistador. Por sua vez, a câmara está colocada na diagonal em relação ao entrevistado, de forma a reforçar o caráter de entrevista informal ao mesmo tempo que nos proporciona um vislumbre da vista deste piso da Casa para a cidade de Lisboa e para o rio Tejo.



Fig. 55. O proprietário Carlos Andrade  
Fonte: CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b: captura (00:01:15)

\* Fonte: CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b.

Ao longo da entrevista, é notória, pela apresentação de fotografias e dos enquadramentos do espaço interior da Casa, uma maior ênfase aos pisos superiores da área comum, como a sala de estar, a cozinha e a piscina, que também se ligam a partir de ladrilhos ou mosaicos hidráulicos, uma particularidade que se encontra presente no trabalho de Paulo Mendes da Rocha. A este respeito, o arquiteto refere numa entrevista que os «ladrilhos com desenho exclusivo repetem-se no fundo da piscina numa fantasia, como se parte da casa estivesse inundada»<sup>241</sup>. A conexão que se cria entre eles, a partir dos vãos, reforça a preocupação em valorizar os espaços comuns da Casa durante a apresentação e desenvolvimento do projeto. Salienta-se, aliás, a decoração e o mobiliário que é mostrado durante a entrevista, que funciona como reflexo do percurso individual dos proprietários, do seu gosto e das suas viagens. Assim, a filmagem do interior da Casa funciona quase como um pretexto para revelar os ambientes, enfatizando a importância dos espaços sociais para os proprietários e dando resposta ao projeto dos arquitetos.

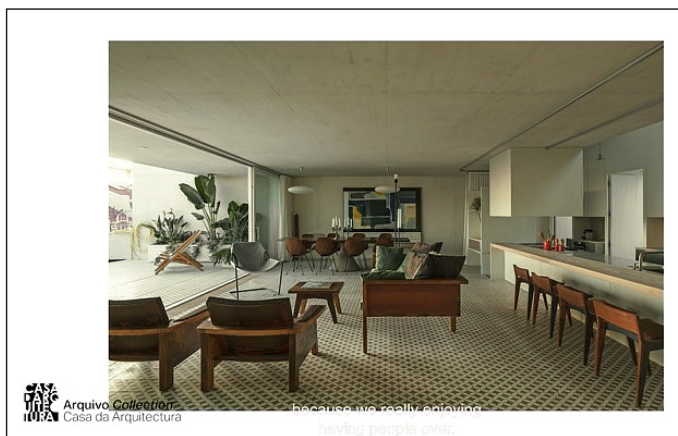


Fig. 56. O piso da cozinha/piscina  
 Fonte: CASA DA ARQUITECTURA,  
 prod., 2018b: captura (00:11:27)

Para além de Carlos Andrade, Mariana Roque do Vale, sua esposa, participa de forma breve na entrevista, revelando alguns aspetos da rotina da Casa. Partilham, deste modo, como são utilizados os espaços comuns para receber amigos, frisando também que dentro desta há ambientes introspectivos, como por exemplo a biblioteca, em que é possível o recolhimento e a contemplação, proporcionando momentos de tranquilidade e intimidade.

Na linha do carácter informal da entrevista, a filha do casal aparece na filmagem, num plano mais afastado, atrás dos pais, reforçando a conotação de intimidade no interior da Casa.

<sup>241</sup> DÊGELO, [s.d.].



No século XVIII, a cidade conheceu uma expansão para ocidente, resultante do aumento da densidade urbana. A freguesia da Lapa, ou paróquia da Nossa Senhora da Lapa, como era designada, foi constituída em 1770<sup>243</sup>. Tratava-se de uma área urbana, extramuros, sendo um dos locais prediletos para a fundação de mosteiros e de conventos, entre os quais se destacam os de São Bento e o da Nossa Senhora da Soledade ou Convento das Trinas, como era mais conhecido. Este desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento do traçado da zona, sendo um núcleo gerador para o que viria a ser a paróquia da Lapa<sup>244</sup>. Segundo a tradição popular, o nome da freguesia deriva da antiga designação do local, Lapa da Moura, que, à medida que se deu a expansão para norte, ficou conhecida apenas como Lapa<sup>245</sup>.

O terramoto de 1755 causou um profundo impacto na sociedade portuguesa. Durante a reconstrução da cidade de Lisboa, Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, na qualidade de ministro de D. José I, idealizou os planos para uma Lisboa iluminista, a par dos novos princípios urbanísticos europeus<sup>246</sup>. Além de um ordenamento territorial e de uma tendência para a unidade das fachadas, foi dada especial atenção à higiene e à salubridade da cidade<sup>247</sup>. Na Lapa, as construções adotaram um cânone similar ao de construções de maiores dimensões, mais compridas e com fachadas uniformizadas<sup>248</sup>.

A zona da Lapa, pela sua localização única, perto da zona ribeirinha da cidade e do centro do poder, conheceu, no pós-terramoto, um forte desenvolvimento social e económico<sup>249</sup>. No século seguinte, seria dotada de equipamentos urbanos de lazer, típicos do período, entre eles o Jardim da Estrela. Os ricos burgueses e nobres que afluíam a Lisboa e nela habitavam, com receio de outra catástrofe, procuraram implantar-se nesta zona mais afastada do rio, mais espaçosa e aberta, onde estariam em aparente segurança.

O facto de esta área ser relativamente próxima do centro de Lisboa fez com que esta faixa de território se desenvolvesse durante o século XX. Neste período, foram muitas as embaixadas que ali se instalaram, nos antigos palácios, assim como diferentes empresas e serviços.

A implantação da Casa da Rua do Quelhas, na Lapa, é assim justificável. A rua que dá nome à Casa, alberga, desde a sua criação, palacetes e quintas de ricos senhores portugueses<sup>250</sup>, sendo D. Francisco Xavier Pedro de Sousa um deles. Este nobre, de origem nortenha, era conhecido popularmente por Quelhas, alcunha que passará a integrar a

---

<sup>243</sup> MALTA, BOURGARD, 2018.

<sup>244</sup> ALBERTO *et al.*, 2019.

<sup>245</sup> PASSOS LARGOS, [s.d.].

<sup>246</sup> FRANÇA, 1977: 13.

<sup>247</sup> FRANÇA, 1977: 68.

<sup>248</sup> MATOSO, 2013: 14.

<sup>249</sup> SILVA, [s.d.].

<sup>250</sup> LISBOA. Câmara Municipal, [s.d.].

toponímia do lugar. O primeiro registo da rua remonta a 1893, ano em que foi decretada pelo Governo Civil de Lisboa a expansão da Rua do Quelhas, após uma reforma das propriedades daquela área<sup>251</sup>.

Todavia, o século XX traz consigo mudanças ao nível da rua, sobretudo em relação às propriedades edificadas, na sua maioria habitações multifamiliares que albergavam inúmeras famílias numa cidade em crescimento.

Após a crise financeira de 2008, a zona da Lapa, e consequentemente, a Rua do Quelhas, reafirmaram-se como uma zona urbana faustosa e nobre, adaptada aos novos tempos, nomeadamente à atividade turística. Entre 2012 e 2013, com a reorganização administrativa de Lisboa e do restante território nacional, a Lapa foi integrada na freguesia da Estrela<sup>252</sup>.



Fig. 59. Fotografia da vista aérea da Casa da Rua do Quelhas  
Fonte: Casa da Arquitectura.  
Coleção de Arquitectura Brasileira,  
PT\_CA\_ABR\_2-LF-03-0023

## A CASA DA RUA DO QUELHAS

A Casa da Rua do Quelhas, 55, foi outrora um edifício de habitação multifamiliar, construído no século XIX e transformado em habitação unifamiliar pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, em colaboração com a arquiteta Inês Lobo. Segundo o proprietário, Carlos Andrade<sup>253</sup>, este projeto surgiu da oportunidade apresentada pela arquiteta portuguesa, partindo de um acordo preestabelecido através do qual ambos estavam dispostos a procurar um edifício em Lisboa para recuperar.

*O nosso programa seria contemplar um programa para crianças, um programa para nós, que contemplasse um espaço de vida em comum. Digamos, o nosso quarto,*

<sup>251</sup> LISBOA. Câmara Municipal, [s.d.].

<sup>252</sup> Lei n.º 56/2012, de 8 de novembro (PORTUGAL. Assembleia da República, 2012).

<sup>253</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b: capturas (00:00:23 – 00:00:49).



*um quarto de visitas e, depois, dedicarmos e deixarmos os últimos dois pisos do edifício para uma área social. No fundo, uma inversão do típico programa que você tem, a área social em baixo e a área privada em cima*<sup>254</sup>.



**Fig. 60.** Fotografia da fachada do edifício na Rua do Quelhas, 55  
Fonte: Casa da Arquitectura.  
*Coleção de Arquitectura Brasileira,*  
PT\_CA\_ABR\_2-LF-03-0041

É a localização deste edifício e a relação com a cidade de Lisboa que proporcionam uma vista particular sobre o rio Tejo, sendo justamente essa relação com a paisagem o ponto fulcral do projeto, no qual «o design oscila entre o confinamento do local histórico e a abertura em direção ao horizonte»<sup>255</sup>. Assim, a fachada principal estabelece uma relação direta com a Rua do Quelhas, o centro histórico de Lisboa e o tardoz da Casa face à rua, que para Paulo Mendes é tratado como a fachada principal. Devido às exigências patrimoniais de manutenção da fachada original, os arquitetos tiraram partido da liberdade de intervir levando-os a explorar a vista e demais potencialidades que a arquitetura pode oferecer<sup>256</sup>.

De acordo com o arquiteto Paulo Mendes da Rocha<sup>257</sup>, a essência do projeto consistiu na transformação do edifício no seu interior, resultando numa casa de traçado contemporâneo, tendo como premissa um edifício unifamiliar dentro da cota estabelecida.

<sup>254</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b: capturas (00:08:05 – 00:08:43). Transcrição nossa.

<sup>255</sup> INÊS LOBO ARQUITECTOS LDA, [s.d.].b. Tradução livre.

<sup>256</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b: capturas (00:00:42 – 00:00:50).

<sup>257</sup> OTONDO, 2018: 86.

O edifício organiza-se em quatro pisos que se apresentam em conformidade com o programa: no piso térreo encontra-se a garagem e o espaço ajardinado, permitindo um diálogo do interior com o exterior; o primeiro piso é destinado aos quartos das crianças e dos hóspedes; o segundo piso à biblioteca e ao quarto do casal; no terceiro piso localiza-se a cozinha americana que se interliga com a sala de jantar, permitindo uma comunicação com a varanda, onde está localizada a piscina; enquanto que no quarto piso se encontra a sala de estar.

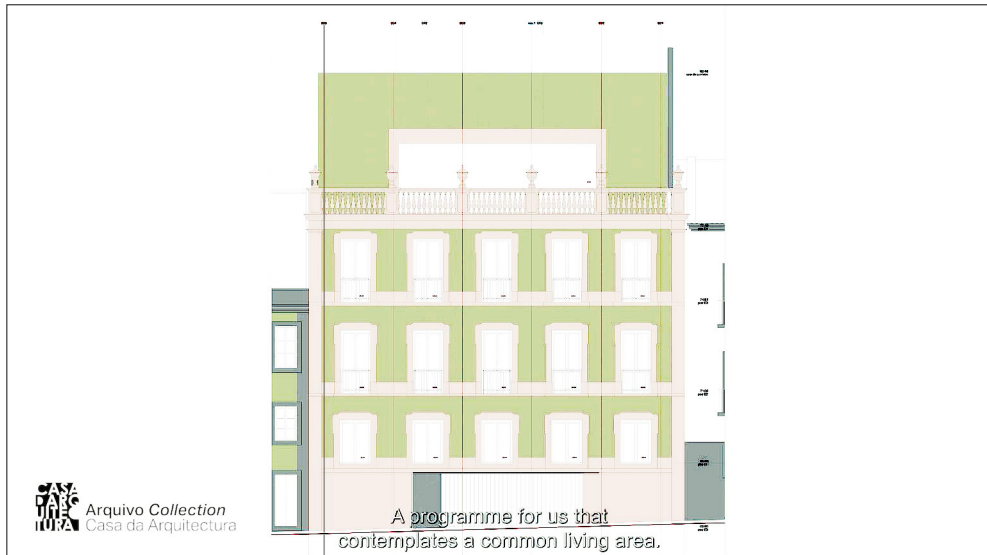


Fig. 61. Alçado da Casa. Fonte: CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b: captura (00:08:12)

O espaço privado passa a ocupar os andares inferiores de forma mais íntima enquanto o espaço social se localiza nos pisos superiores. Deste modo, a Casa da Rua do Quelhas ganha uma nova organização, seguindo o traçado da fachada do edifício preexistente. Esta habitação diferencia-se pela conceção dos espaços sociais, salientando-se as vistas que os pisos superiores propiciam sobre a paisagem, mais concretamente sobre o casario, o rio Tejo e até mesmo a margem sul, onde se destaca a figura do Cristo Rei no horizonte.

Segundo Paulo Mendes da Rocha<sup>258</sup>, os dois arquitetos tiveram discussões que influenciaram o resultado final do projeto. Como exemplo, destaca-se a escolha do local para a implantação da piscina. Mendes da Rocha tinha em mente a sua implantação na cobertura do edifício, seguindo desta forma a morfologia escolhida em outros projetos executados no Brasil. Contudo, o que o fez mudar de opinião foi a percepção da arquiteta

<sup>258</sup> OTONDO, 2018: 87.

Inês Lobo, ao demonstrar que para as temperaturas portuguesas, mas principalmente para o aproveitamento da piscina, esta deveria localizar-se no piso da cozinha/sala de jantar, uma vez que se trata do espaço onde os proprietários passam a maioria do seu tempo. A diversidade dos materiais utilizados permite a criação de ambientes abertos e modernos que se relacionam diretamente com o quotidiano lisboeta.



**Fig. 62.** Fotografia da vista do edifício a partir do terceiro piso, onde se localiza a piscina  
 Fonte: Casa da Arquitectura.  
*Coleção de Arquitectura Brasileira,*  
 PT\_CA\_ABR\_2-LF-03-0038

No processo de edificação da Casa da Rua do Quelhas é notória a diferença cultural entre os dois arquitetos. Podemos estabelecer algumas diferenças, de forma sintética, entre a arquitetura portuguesa e a arquitetura brasileira, mas, ao mesmo tempo, este projeto arquitetónico apela a um certo equilíbrio. Para Paulo Mendes da Rocha, a arquitetura possui um conceito mais livre, onde os espaços abertos se interligam e os materiais escolhidos têm de superar a sua própria materialidade, adquirindo um valor simbólico. Por outro lado, em representação da arquitetura portuguesa, Inês Lobo mantém a forte ligação ao solo, podendo-se constatar esta realidade na zona da garagem que comunica com a Rua do Quelhas, onde o portão da habitação estabelece um diálogo visual entre o interior (zona ajardinada) e o exterior.

**Fachadismo:** «Uma casa onde o património exige a preservação da fachada», Paulo Mendes da Rocha

Na Europa, o designado fachadismo é um fenómeno que tem vindo a crescer, sendo aplicado como a resolução do problema da integração de novos programas no património edificado.

Com efeito, em Lisboa, este fenómeno tornou-se quase a solução-tipo de intervenção em zonas consolidadas, sobretudo no que diz respeito a fachadas com azulejo, possuindo uma regulamentação própria, que de acordo com os artigos 13.º e 14.º do novo



RMUEL (Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Lisboa) propostos pelo SOS Azulejo, em vigor desde abril de 2013, interdita a demolição das fachadas azulejadas e a remoção de azulejos das mesmas:

*É interdita a demolição de fachadas revestidas a azulejos de qualquer edificação, salvo em casos devidamente justificados, autorizados pela Câmara Municipal em razão da ausência ou diminuto valor patrimonial relevante destes<sup>259</sup>.*

A casa em questão, na Rua do Quelhas, 55, não foi exceção. Este edifício possui uma fachada revestida a azulejo estampilhado de padrão 2x2, proveniente, possivelmente, da Viúva Lamego, embora se coloque também a hipótese de ter provindo da Fábrica das Devesas, segundo a informação recolhida na DIGITILE (Biblioteca de Azulejaria e Cerâmica Portuguesa)<sup>260</sup>. Este azulejo era conhecido como «travessão», com ornamento geométrico listrado azul e preto, compondo formas estelares e geométricas, conjugando o amarelo, o azul e o preto<sup>261</sup>.



**Fig. 63.** Padrão de azulejo 2x2 do edifício na Rua do Quelhas, 45/55, conhecido como «travessão»  
Fonte: Biblioteca de Azulejaria e Cerâmica Portuguesa.  
Disponível em <<https://digitile.gulbenkian.pt/digital/collection/lis/id/2391>>

De facto, as arquiteturas da Rua do Quelhas configuram uma identidade urbana na cidade, que marca a paisagem e o espírito do lugar<sup>262</sup>. No entanto, colocar a cidade numa redoma<sup>263</sup>, nos dias que correm, é impraticável, sendo necessário adotar medidas adequadas à contemporaneidade. Neste sentido, a Casa da Rua do Quelhas logrou a preservação do carácter histórico da rua, consolidando simultaneamente uma arquitetura adaptada às necessidades evolutivas dos seus utilizadores.

<sup>259</sup> LISBOA. Município de, 2013: artigo 14.º.

<sup>260</sup> FCG, 1984.

<sup>261</sup> FCG, 1984.

<sup>262</sup> ICOMOS, 2008.

<sup>263</sup> CHOAY, 2001: 193.

**Fig. 64.** Fotografia da Rua do Quelhas, 45/55, esquina com a Rua das Praças, freguesia da Lapa, Lisboa, 1984  
Fonte: Biblioteca de Azulejaria e Cerâmica Portuguesa. Disponível em <<https://digitale.gulbenkian.pt/digital/collection/lis/id/2390>>



No caso específico da Casa da Rua do Quelhas, o interior do edifício encontrava-se devoluto, sendo necessário reconstruir os pisos, a partir da estrutura preexistente dos mesmos. De certo modo, tratou-se de um trabalho de articulação entre a arquitetura e a engenharia, através da participação do engenheiro Rui Furtado, para solucionar a construção do novo espaço, mantendo a fachada e o seu azulejo. Para tal, foi construída uma parede de betão armado no interior da mesma, que funciona como uma viga gigante, de forma a que fosse possível criar um largo vão na parte inferior, permitindo a entrada das viaturas<sup>264</sup>.

**Fig. 65.** Captura digital extraída do vídeo *A estrutura preexistente em fase de reabilitação e reforço para a construção do novo espaço*, 2015  
Fonte: CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018a: captura (00:02:19)



As implicações deste tipo de intervenção têm gerado múltiplas discussões no que diz respeito à inserção da nova arquitetura no património urbano, ou seja, entre o passado e o presente, uma vez que, se por um lado, evitamos a demolição total do edifício,

<sup>264</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018a.

por outro, estamos perante «fachadas mortas». No entanto, a preservação da fachada neste projeto é, num primeiro momento, o elemento responsável por estabelecer a relação com o passado e com a história do lugar. Segundo Paulo Mendes da Rocha, na construção de cidade devemos acentuar o valor da preexistência, algo que o arquiteto já tinha consolidado aquando da execução do projeto para o Museu dos Coches (2015), em Lisboa, estabelecendo relações entre o Museu e a sua envolvente, ou seja, com a Torre de Belém, com o Mosteiro dos Jerónimos e com o rio Tejo.

Em suma, na atualidade, a relação do planeamento com a cidade histórica necessita de ser encarada como um processo particularmente dinâmico, ao mesmo tempo que responde às exigências atuais. Neste sentido, a Casa da Rua do Quelhas destaca-se pela beleza e pela arquitetura característica da fachada antiga, estabelecendo a dialética entre a proposta de habitar de Paulo Mendes da Rocha e o conceito cultural de lar trazidos tanto por Inês Lobo como pelo próprio cliente.

## BIOGRAFIAS



**Fig. 66.** Os arquitetos Paulo Mendes da Rocha e Inês Lobo no último piso da casa em 2015  
Fonte: CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018a: captura (00:00:45)

### Paulo Mendes da Rocha

Paulo Archias Mendes da Rocha nasceu em Vitória, a cidade capital do Estado do Espírito Santo, a 25 de outubro de 1928. Durante a infância, o seu pai, engenheiro de portos e vias navegáveis, levava-o a assistir a conversas com outros engenheiros, nomeadamente Artur Rocha, sobre diversas obras, reportando por vezes os amigos que tinham em Portugal acerca das questões do cimento e do betão armado, que na época já tinha grandes desenvolvimentos no país<sup>265</sup>.

<sup>265</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018c: capturas (00:15:59 – 00:17:15).

Deste modo, Paulo Mendes da Rocha conviveu desde muito cedo com a engenharia, tendo possivelmente influenciado o seu percurso ao formar-se em Arquitetura, em 1954, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo<sup>266</sup>.

Com uma carreira académica sólida, o arquiteto destacou-se na génese da sua atividade ao vencer em 1958, com apenas 29 anos, o concurso para o ginásio do Clube Atlético Paulistano, um projeto que lhe deu oportunidade de ganhar o Grande Prémio Presidência da República na 6.<sup>a</sup> Bienal Internacional de São Paulo, em 1961<sup>267</sup>.

Na mesma altura foi convidado a ser professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo por João Batista Vilanova Artigas<sup>268</sup>. Passou assim a integrar a «Escola Paulista», a qual marcou diversas gerações de arquitetos, através da aplicação do betão armado à vista, no seu aspeto mais rude<sup>269</sup>, seguindo os traços da arquitetura preconizada por Le Corbusier. Não obstante, em 1969, aquando da ditadura militar, foi obrigado a abandonar a vida académica, regressando apenas em 1980<sup>270</sup>.

Durante o tempo que permaneceu afastado da docência e privado dos seus direitos profissionais, Paulo Mendes da Rocha venceu o concurso nacional para o Pavilhão do Brasil, na Expo'70, em Osaka, que consistia numa cobertura de betão armado e vidro sobre pilotis, baseada na liberação do terreno<sup>271</sup>, nomeadamente o vão livre, algo que permanecerá ao longo da sua obra.

Posteriormente, de 1972 a 1973 e de 1986 a 1987, presidiu ao departamento paulista do Instituto dos Arquitetos do Brasil – Departamento São Paulo (IAB SP). Entre 1987 e 1988, o arquiteto atinge a notoriedade e o reconhecimento públicos através de alguns dos seus projetos, como o Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MuBE) de 1995<sup>272</sup>.

Com efeito, destaca-se ainda a reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo (PESP), nos anos de 1990, em que a construção original foi mantida, procurando acentuar o valor da preexistência, adequando o edifício às novas necessidades funcionais, através da construção de uma cobertura de claraboias planas<sup>273</sup>.

Segundo o arquiteto, «a Arquitetura é uma maneira de dizer quem somos nós, quem seremos nós, quem fomos nós?»<sup>274</sup>.

De facto, ao longo do tempo, Paulo Mendes da Rocha foi ganhando cada vez mais reconhecimento a nível internacional, com o Prémio Mies van der Rohe de Arquitetura

<sup>266</sup> ITAÚ CULTURAL, 2019b.

<sup>267</sup> ITAÚ CULTURAL, 2019b.

<sup>268</sup> ITAÚ CULTURAL, 2019b.

<sup>269</sup> SILVA, CALADO, 2005: 64.

<sup>270</sup> ITAÚ CULTURAL, 2019b.

<sup>271</sup> ZEIN, AMARAL, 2011: 110.

<sup>272</sup> ITAÚ CULTURAL, 2019b.

<sup>273</sup> ARCHDAILY BRASIL, 2015.

<sup>274</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018c: capturas (00:04:25 – 00:04:28). Transcrição nossa.



Latino-Americana, em 2000, a publicação do livro *Paulo Mendes da Rocha: Bauten und Projekte*, em 2001, o Prémio Pritzker, em 2006, considerado o Prémio Nobel da Arquitectura<sup>275</sup>, e, em 2016, o Leão de Ouro na Bienal de Veneza.

Para além das obras públicas, o arquiteto possui inúmeros projetos de habitações unifamiliares, sendo dois deles a Casa Gerassi, concluída em 1991 em São Paulo, e a Casa da Rua do Quelhas, de 2017, em Lisboa, em coautoria com a arquiteta Inês Lobo.

Ao longo do seu percurso consegue-se aferir que as questões do território e do espaço urbano estão constantemente presentes no seu pensamento e na sua obra. Nas palavras do seu arquiteto:

*Você nunca está fazendo uma casa, está sempre fazendo a cidade. Hoje não existe mais essa ideia de casa individual, deve estar contida num prédio com várias casas, a concentração necessária para que a cidade possa lucrar das suas grandes virtudes, transporte público, facilidade de comunicação, etc.*<sup>276</sup>.

## Inês Lobo

Inês Lobo nasceu em Lisboa no ano de 1966. O que a despertou para o mundo da arquitetura foi o gosto que o seu pai sempre lhe incutiu pelas artes. Desta forma, desde criança, quando questionada sobre o que queria ser na idade adulta respondia: «Eu quando for grande, quero construir casas!»<sup>277</sup>.

A arquiteta afirma que um dos pontos mais marcantes na sua formação foi o ano que passou na Faculdade de Arquitectura, no Porto, lugar onde teve contacto com professores como Sérgio Fernandez, Henrique Carvalho e Fernando Távora. Salienta também a importância que os seus colegas tiveram na sua formação afirmando que «são pessoas que todos nós reconhecemos: Nuno Grande, João Pedro Serôdio, Cristina Guedes, Francisco Vieira de Campos, Pedro Cortesão...»<sup>278</sup>.

Por razões familiares mudou-se para Lisboa, deparando-se assim com uma nova realidade. Inês Lobo destaca a figura do professor Silva Dias que a fez entusiasmar-se de novo pela arquitetura, assim como Carrilho da Graça:

*O arquiteto Carrilho da Graça “picava-nos” imenso, as aulas eram duríssimas, ele estava sempre a pôr-nos em cheque. Mas correu muito bem, foi muitíssimo interessante. E foi bastante importante porque depois acabei por ir trabalhar com ele, portanto foi a passagem para o mundo profissional a partir da escola*<sup>279</sup>.

<sup>275</sup> BRASIL. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do, [s.d.].

<sup>276</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018c: capturas (00:12:44 – 00:13:10). Transcrição nossa.

<sup>277</sup> ESPAÇO DE ARQUITETURA, 2018.

<sup>278</sup> ESPAÇO DE ARQUITETURA, 2018.

<sup>279</sup> ESPAÇO DE ARQUITETURA, 2018.



Três anos após ter concluído a sua Licenciatura em Arquitectura pela Universidade de Lisboa<sup>280</sup>, em 1989<sup>281</sup>, realizou a prova de aptidão pedagógica, iniciando a carreira como docente na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada, sendo uma das responsáveis<sup>282</sup> pela organização do Curso Arquitectura e Paisagem<sup>283</sup>.

Após trabalhar em vários escritórios de arquitectura, fundou, em 2002<sup>284</sup>, o seu próprio escritório — Inês Lobo, Arquitectos. O seu espectro de ação enquanto arquiteta varia entre a construção de equipamentos que espelham a sua formação contemporânea, bem como a dos seus mentores, e o seu respeito e conhecimento na requalificação de edifícios e espaços públicos.

Quando confrontada sobre a sua visão da arquitectura, Inês Lobo afirma:

*A arquitectura confronta-se também com um problema gigante que é a perda de importância do ser humano. E nós trabalhamos para o ser humano. Nós construímos para as pessoas. Se as pessoas deixam de ter importância, a arquitectura deixa de existir. E isso é, talvez, a crise maior que nós temos neste momento. Nós temos de continuar a lutar para que o mundo exista para todos os Homens que habitam em cima dele*<sup>285</sup>.

Estas e outras preocupações foram reconhecidas através da atribuição de variados prémios nacionais e internacionais, bem como menções honrosas, destacando-se a Ordem de Mérito atribuída pelo presidente da República em 1999. Em 2013, foi distinguida pelo governo português como uma das cinco «Mulheres Criadoras de Cultura» como parte do IV Plano Nacional para a Igualdade — Género, Cidadania e Não Discriminação<sup>286</sup>.

## HABITAR A CASA DA RUA DO QUELHAS

A entrevista realizada pela Casa da Arquitectura em 2018 aos proprietários da Casa da Rua do Quelhas, Carlos Andrade e Mariana Roque do Vale, permite-nos perceber diferentes aspetos do projeto, da construção e do habitar da casa. O vídeo mostra as particularidades do projeto, como a implantação, a paisagem e a partilha dos espaços. Também é possível, a partir desta fonte, entender um pouco da história do lugar, desde a sua aquisição em 2010 até ao contexto da criação do projeto e do processo de construção, a partir da perspectiva dos proprietários.

---

<sup>280</sup> BOM SUCESSO, [s.d.].

<sup>281</sup> INÊS LOBO ARQUITECTOS LDA, [s.d.].a.

<sup>282</sup> ESPAÇO DE ARQUITETURA, 2018.

<sup>283</sup> BOM SUCESSO, [s.d.].

<sup>284</sup> INÊS LOBO ARQUITECTOS LDA, [s.d.].a.

<sup>285</sup> ESPAÇO DE ARQUITETURA, 2018.

<sup>286</sup> INÊS LOBO ARQUITECTOS LDA, [s.d.].a.

O projeto da Casa nasce de uma oportunidade apresentada pela arquiteta Inês Lobo aos proprietários, ao indicar a existência de um prédio devoluto na Lapa que preenchia vários pré-requisitos procurados pelo casal. É um projeto pensado para a habitação de uma família que transformou um edifício habitacional multifamiliar em unifamiliar. A partir da entrevista podemos perceber que, para o proprietário, Carlos Andrade, a compra e a realização do projeto foram rápidas e intuitivas. Após a aquisição do imóvel surgiu assim a oportunidade, facultada por Eduardo Lemos, galerista de São Paulo, de um diálogo com o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, com o objetivo da sua participação no projeto<sup>287</sup>. Paulo Mendes da Rocha salienta que Inês Lobo é uma pessoa de grande inteligência e que contribuiu para muitos dos aspetos decisivos do projeto, como vimos<sup>288</sup>.

Ao longo da concretização do projeto, segundo a arquiteta, «há uma coisa, que talvez não seja imediatamente perceptível, mas que é muito importante para esta localização. O facto de isto ser uma linha de festo, a linha mais alta do monte»<sup>289</sup>, tal permitiu que pudessem ser enquadrados fragmentos da paisagem através das aberturas. A habitação foi projetada como uma casa ao contrário, entenda-se um lugar onde se convive na parte superior, localizando-se os espaços mais íntimos na parte inferior, o oposto do programa comum da maioria das habitações. O programa invertido, de cima para baixo, permite que se tire proveito da sua implantação, fazendo com que a paisagem extensa e marcante passe a fazer parte das vivências do interior da residência.

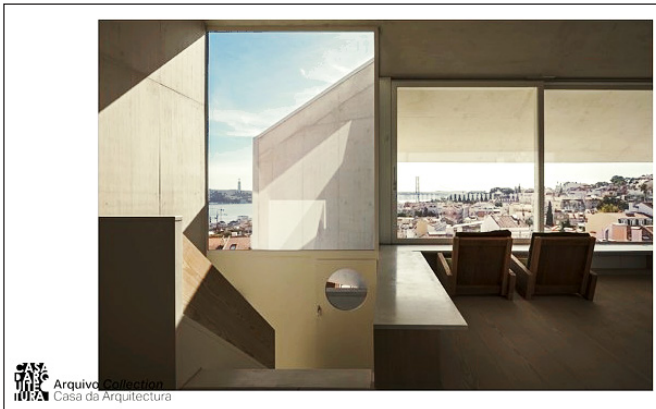


Fig. 67. Vista sobre o rio  
Fonte: CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b: captura (00:04:15)

Os pisos foram desenvolvidos livremente dentro da linha de festo com o objetivo de serem abertos e sem obstrução de pilares, requisitos próprios de uma construção que preza o habitar com foco no convívio social. Tal solução de projeto permite igualmente

<sup>287</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b: capturas (00:00:23 – 00:01:10).

<sup>288</sup> OTONDO, 2018: 87.

<sup>289</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018a: capturas (00:00:49 – 00:01:45). Transcrição nossa.

uma relação visual, sonora e olfativa entre os pisos, que apesar de se desenvolverem em patamares diferentes apresentam uma forte ligação entre si, quase como se fosse retirada a hierarquia relativa dos espaços sociais e privados. A fachada azulejada serviu de guia para os andares e aberturas externas, mas apenas na face da Casa voltada para a Rua do Quelhas, pois o alçado oposto, e virado para o rio, recebeu uma fachada totalmente nova, potenciando a implantação do edifício.

Os espaços mais privilegiados da Casa passam, assim, a ser os de partilha e de socialização. Os espaços abertos, os vazios e o vão que intersecciona os pisos proporcionam um maior convívio. O acesso e a abertura entre os andares permitem que uma casa distribuída em cinco pisos se transforme num ambiente de convívio integrado em função da sua permeabilidade. Segundo o proprietário: «O que eu acho mais impressionante nesta casa foi os arquitetos conseguirem transformar o que é um espaço vertical num espaço de vida horizontal»<sup>290</sup>. A Casa permite também uma relação com o espaço exterior, voltando ao conceito de partilha, e inspira um fluxo de vida contínuo, a interação passa por todos os pisos e a espacialidade é fluida.



**Fig. 68.** Vão de comunicação  
 Fonte: CASA DA ARQUITECTURA,  
*prod.*, 2018b: capturas  
 (00:13:03 – 00:14:23)

A arquitetura pode promover uma vivência diferenciada, que fomenta as relações humanas entre a família, mas também na sociedade. Tem igualmente a capacidade de propor diferentes formas de habitação. Deste modo, a arquitetura traz a proposta de

<sup>290</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b: capturas (00:12:10 – 00:13:03). Transcrição nossa.

partilha do ambiente, o que potencia momentos de felicidade. Como afirma o proprietário Carlos Andrade no final de sua entrevista: «Existe um fluxo contínuo e comum de vida. Isso naturalmente, se quiser, condiciona a vida na nossa perspetiva de forma positiva. Muito positiva»<sup>291</sup>.

O processo de aquisição da casa, assim como o contacto com os arquitetos, a posterior intervenção e o habitar da mesma depois de pronta fizeram parte dos tópicos explorados pelo proprietário Carlos Andrade. Sendo também relevada a importância da implantação da Casa na malha urbana e a maneira como esta foi projetada para potenciar ao máximo o sítio que ocupa, mantendo a fachada original. Desta maneira pode-se perceber, a partir da entrevista, as propostas apresentadas para uma habitação que preza o convívio e a partilha.

## PATRIMÓNIO URBANO

*Necessidades e desejos, tudo nasce a partir desse lugar*<sup>292</sup>.

Partimos do pressuposto de que todos os objetos do passado podem ser convertidos em testemunhos históricos, sem que na sua origem tenha sido equacionada esta ideia. O uso da fachada — na Casa da Rua do Quelhas — remete para a ideia de memória de uma habitação multifamiliar do século XIX, localizada num dos bairros elitistas de Lisboa<sup>293</sup>, a Lapa. A Casa da Rua do Quelhas resulta da modificação de um edifício devoluto, escolhido pela arquiteta Inês Lobo e apresentado à família de Carlos Andrade.

É possível afirmar que esta habitação respeita, entre várias definições, o conceito de reconstrução de um edifício — «[q]ualquer obra que consista em realizar de novo, total ou parcialmente, uma instalação existente, no lugar de implantação ocupado por esta e mantendo, nos aspetos essenciais a traça original»<sup>294</sup> — preconizado na *Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada* (1995), entendida como um contributo inovador para a preservação de espaços arquitetónicos. De forma a que o edifício fosse ao encontro de tal orientação, os arquitetos optaram pela colocação de uma fachada contemporânea (alçado sul). Esta escolha deve-se ao facto de a habitação estar inserida numa zona histórica, mantendo a fachada original, voltada para a Rua do Quelhas, por lhe reconhecerem valor.

A *Carta de Cracóvia* (2000) é outro documento significativo e onde estão expostos os princípios para a conservação e restauro do património edificado. Atente-se na seguinte afirmação: «Cada comunidade, tendo em conta a sua memória coletiva e consciente do

<sup>291</sup> CASA DA ARQUITECTURA, *prod.*, 2018b: capturas (00:14:23 – 00:15:04). Transcrição nossa.

<sup>292</sup> SOROMENHO, 2021.

<sup>293</sup> MATOSO, 2013: 14.

<sup>294</sup> *Carta de Lisboa* [...] (1.º ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE REABILITAÇÃO URBANA, 1995).

seu passado, é responsável, quer pela identificação, quer pela gestão do seu património»<sup>295</sup>. Questões, estas, que já tinham sido discutidas na Carta de Nara<sup>296</sup> de 1994. Contudo, a *Carta de Cracóvia* esclarece que os «edifícios com valor histórico» têm como objetivo «manter a sua autenticidade e integridade [...] de acordo com o seu aspeto original»<sup>297</sup>.

Em teoria, a Casa da Rua do Quelhas obedece a estas questões práticas, pois ao preservar a fachada respeita o seu valor histórico e contribui para a manutenção da autenticidade e integridade da Casa e do conjunto edificado da Rua do Quelhas. Além disso, os arquitetos assumem a orientação e a forma da fachada para definir os eixos de toda a Casa, sendo esta o elemento ordenador do projeto.

Recuando algumas décadas, a *Recomendação de Nairobi* (1976) é apresentada como um documento orientador que apela à conservação integrada, compreenda-se salvaguarda, como um reflexo da Carta de Amesterdão<sup>298</sup>, que, por sua vez, expressa o valor de totalidade, chamando a atenção para os perigos da uniformização e despersonalização dos espaços.

Tendo em conta o carácter histórico da cidade de Lisboa, é tido como imperativo o respeito pela estratificação, bem como a consideração sobre as características próprias de uma arquitetura, entendendo-a como um todo<sup>299</sup>.

Reconhecendo todas estas recomendações anteriormente apresentadas, a *Lei de Bases do Património Português* legitima a arquitetura destacando-a entre outros interesses culturais, à qual se atribui os valores de «memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade»<sup>300</sup>.

Propõe-se, assim, um contexto patrimonial para as renovações realizadas na Casa da Rua do Quelhas, que seguiram os princípios apresentados na lei portuguesa e no Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação de Lisboa (RMUEL) na obrigatoriedade da perpetuação da fachada azulejar do século XIX, numa arquitetura, que se quer e se faz contemporânea. Este diálogo de léxicos arquitetónicos acontece quando é realizada uma parede em betão armado paralela à fachada do século XIX, para que esta possa ser sustentada e fixada à estrutura e, em certo ponto, reaproveitada. Na Casa da Rua do Quelhas estamos, deste modo, perante um diálogo entre o novo e o antigo, o passado e um presente que se quer futuro.

<sup>295</sup> *Carta de Cracóvia* (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO, 2000).

<sup>296</sup> Carta de Nara (ICOMOS, 1994).

<sup>297</sup> *Carta de Cracóvia* (CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO, 2000).

<sup>298</sup> Carta de Amesterdão (EUROPA. Conselho da, 1975).

<sup>299</sup> *Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas* (ICOMOS, 1987).

<sup>300</sup> *Lei n.º 107/2001* (PORTUGAL. Assembleia da República, 2001).



## Arquitetura afetiva

Reconheceu-se no objeto-vídeo de investigação o seu valor antropológico sobre todas as definições que envolvem o conceito mais básico de casa. A Casa da Rua do Quelhas questiona, assim, valores semânticos, uma vez que se trata de um antigo edifício de habitação multifamiliar convertido numa residência unifamiliar.

Nas palavras de Jorge Miguel, a definição de «casa» surge como edifício à espera de ser habitado, ou seja, trata-se de um equipamento construído para albergar emoções, sendo essa emoção que transforma uma casa num lar<sup>301</sup>. Para o autor, «a casa apresenta-se como um espaço/forma que busca estar adequada e ser resposta correta ao modo de vida de seus moradores e às características climáticas da paisagem onde se instala»<sup>302</sup>. A palavra *habitação* adquire, assim, um valor de refúgio, abrigo<sup>303</sup>.

Ainda segundo Jorge Miguel:

*A casa necessita de paredes e cercas para imaginar-se uma existência não ameaçada. É ela quem dá ao homem seu sítio sobre a terra. A casa é, simbolicamente, um castelo, uma fortaleza, um lugar de defesa contra as agressões externas como um local de descanso e prazer. Assim, a casa é um objeto construído que pode ser vendido ou alugado. Um objeto inerte, não estabelecendo valores de uso, convivência e entrosamento familiar. Projeta-se a casa, constrói-se a casa. Os seus moradores podem fazer dela um lar*<sup>304</sup>.

Mantendo a linha de pensamento de matriz antropológica, o conceito de *lar* encontra-se ligado à primitiva fogueira/lareira, local que permitia a todos os que a rodeassem permanecer quentes e seguros<sup>305</sup>. Reconhece-se assim que a designação de lar possui em si uma carga simbólica, de extremo enredamento uma vez que alberga em si conceitos como «memórias, imagens, passado e presente»<sup>306</sup>, bem como quaisquer rotinas ou rituais que possam ser entendidos como um reflexo positivo ou negativo dos «sonhos, esperanças e dramas»<sup>307</sup> de quem habita o espaço.

Quando se projeta uma habitação, é necessário ter como preocupação a disposição espacial, mais concretamente, a orgânica funcional do edificado<sup>308</sup>. Esta preocupação com o espaço é o que faz dela um lar:

---

<sup>301</sup> MIGUEL, 2002.

<sup>302</sup> MIGUEL, 2002.

<sup>303</sup> BARROS, 2012.

<sup>304</sup> MIGUEL, 2002.

<sup>305</sup> MIGUEL, 2002.

<sup>306</sup> MIGUEL, 2002.

<sup>307</sup> MIGUEL, 2002.

<sup>308</sup> BARROS, 2012.

*Impede que o vento despótico disperse os haveres da família. Esconde a miséria, a humilhação diária, a mesa pobre. Abençoa o homem com a fechadura da qual pende, trêmula, a modesta chave. Tranca a porta, não deixa que a cobiça alheia, a intriga malsã dos vizinhos, os arbítrios dos bárbaros, invadam o refúgio que se designa de lar. E tudo que a casa almeja em troca é que a respeitem. Caso seja um dia vendida, jamais a derrubem. Tratem-na, por favor, como a amiga sob cujo teto, à noite, o homem busca o generoso abrigo<sup>309</sup>.*

Alice Barros levanta a questão que em tudo parece pertinente: «O que são os hábitos de morar?»<sup>310</sup>. Uma resposta simples seria pensá-los enquanto uma prática, que podemos entender como algo individual e, no entanto, orientador dos espaços<sup>311</sup>, uma vez que a casa se transforma num espelho da personalidade de quem lá vive — exemplo concreto desta metamorfose que é a Casa da Rua do Quelhas.

Trata-se de uma habitação direcionada para a família de Carlos Andrade, uma vez que a sua encomenda foi realizada a montante, ou seja, o percurso afetivo perante a Casa começa antes da materialização do projeto.

Tirando partido da questão da memória, e como esta pode ser associada a lembranças particulares na esfera do habitar, Bachelard defende o espaço, em comparação com o tempo, acabando por criar uma concordância com a «tradição grega da mnemônica, ou da arte de recordar»<sup>312</sup>. Gaston Bachelard reconhece ainda na casa uma dualidade, a de abrigo e a de centro dinamizador de memórias<sup>313</sup>. A habitação enquanto lar, espaço privado e reconfortante, onde em criança criamos as nossas primeiras recordações.

*a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradas, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. Alguma coisa fechada deve guardar as lembranças deixando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa<sup>314</sup>.*

<sup>309</sup> PIÑON, 1998 *apud* MIGUEL, 2002.

<sup>310</sup> BARROS, 2012.

<sup>311</sup> FERRARA, 1993 *apud* BARROS, 2012.

<sup>312</sup> DUARTE, 2015: 18.

<sup>313</sup> DUARTE, 2015 *apud* BACHELARD, 1988: 201.

<sup>314</sup> DUARTE, 2015 *apud* BACHELARD, 1988: 201.

Claro que as questões que envolvem a memória são sempre muito subjetivas, esta ideia pode ser sustentada por Tuan no seu livro *Topofilia*, uma vez que nos fala da criação de uma afetividade entre as pessoas e os locais, remetendo sempre para a questão da «experiência pessoal»<sup>315</sup>.

Para a família de Carlos Andrade, a Casa da Rua do Quelhas é mais que um equipamento de excelente qualidade arquitetónica, é a concretização de um projeto, um refúgio, um lugar onde se materializou tudo o que desejavam.

---

<sup>315</sup> TUAN, 1980: 5.



**FONTES E  
BIBLIOGRAFIA**





## ARQUIVOS E FONTES<sup>316</sup>

- AFP: Arquivo Fábio Penteadó. [Consult. 5 mai. 2020]. Disponível em <<https://fabiopenteadó.com/s/afp/page/sobre-o-arquivo>>.
- CASA DA ARQUITECTURA — Centro Português de Arquitectura. [Consult. 5 mai. 2020]. Disponível em <<http://casadaarquitectura.pt/>>.
- CMU: Centro de Memória Unicamp. [Consult. 5 mai. 2020]. Disponível em <<https://www.cmu.unicamp.br/index.php#!html/inicio.html>>.
- FCG: Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 5 mai. 2020]. Disponível em <<https://gulbenkian.pt/>>.
- HINE, Lewis, fot. (1931). *Empire State Building, New York*. [Consult. 5 mai. 2020]. Disponível em Google Arts & Culture: <<https://artsandculture.google.com/asset/empire-state-building-new-york-lewis-w-hine/1gF3u1ZKQ9CXrw>>.
- ROSSI FILM, prod. (1930). *Exposição de uma Casa Modernista*. Filme. Casa da Arquitectura, Matosinhos, Portugal. Coleção de Arquitectura Brasileira.

### Casa da Arquitectura — Centro Português de Arquitectura

- Casa da Arquitectura. *Coleção de Arquitectura Brasileira*, vídeos Casa Gerassi (1990-1991).
- Casa da Arquitectura. *Coleção de Arquitectura Brasileira*, fotografias.
- Casa da Arquitectura. *Coleção fotográfica do Centro de Convivência Cultural, em Campinas*.

## BIBLIOGRAFIA

- 1.º ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE REABILITAÇÃO URBANA, 21-27 de outubro, Lisboa (1995). *Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada*. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <[https://www.culturantor.te.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1995\\_\\_carta\\_de\\_lisboa\\_sobre\\_a\\_reabilitacao\\_urbana\\_integrada-1%C2%BA\\_encontro\\_luso-brasileiro\\_de\\_reabilitacao\\_urbana.pdf?x69634](https://www.culturantor.te.gov.pt/wp-content/uploads/2020/07/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1%C2%BA_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf?x69634)>.
- AA. VV. (2018). «Cidade & Cultura». 17 (*Campinas. Convivência perfeita entre a modernidade e a tradição*). [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <[https://issuu.com/projetocidadeecultura/docs/revista\\_de\\_campinas?e=7291920/37825346](https://issuu.com/projetocidadeecultura/docs/revista_de_campinas?e=7291920/37825346)>.
- AGUIAR, José (2000). *A conservação da identidade do património urbano e o lugar às novas arquitecturas*. In 1.º Fórum Internacional de Urbanismo. *Estratégias de Reabilitação dos Centros Históricos: actas*. Vila Real: URBE, pp. 27-46.
- AGUIAR, José (2001). *Identidade e conservação do património urbano*. «Lusíada. Arquitectura». 1, 144-174.
- ALBERTO, Edite et al. (2019). «E por causa do grande terremoto que houve nesta Corte». *O Bairro das Trinas, evolução urbanística e arquitetónica*. «Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa». 2.ª Série. 12, 43-72. [Consult. 19 mar. 2020]. Disponível em <[http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/12/05\\_trinas2.pdf](http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/12/05_trinas2.pdf)>.
- ANDRADE, Sérgio C. de (2019). *Fábio Penteadó, o arquitecto de uma obra só*. «Público». (23 fev. 2019). [Consult. 29 abr. 2020]. Disponível em <<https://www.publico.pt/2019/02/23/culturaipsilon/noticia/fabio-penteadó-arquitecto-obra-so-1863065>>.
- ARCHDAILY BRASIL (2015). *Pinacoteca do Estado de São Paulo / Paulo Mendes da Rocha + Eduardo Colonelli + Weliton Ricoy Torres*. «ArchDaily Brasil» (10 mai. 2015). [Consult. 16 abr. 2020]. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha>>. ISSN 0719-8906.
- ARQBRASIL (2019). *Fábio Penteadó exposto em Portugal*. «ArqBrasil». [Consult. 29 abr. 2020]. Disponível em <<https://projeto.arqbrasil.com.br/1029/fabio-penteadó-260219/>>.

<sup>316</sup> As fontes audiovisuais encontram-se descritas detalhadamente nos respetivos textos.

- ARQUIVO FÁBIO PENTEADO [s.d.]. *Residência Rua Itápolis*. «ArquivoArq». [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<https://www.arquivo.arq.br/residencia-rua-itapolis>>.
- BACHELARD, Gaston (1988). *A poética do espaço*. São Paulo: Nova Cultural.
- BARDI, Pietro Maria (1971). *Warchavchik e as origens da arquitectura moderna no Brasil*. MAC USP, São Paulo, Brasil. [EH.1971.08.01]. Disponível em <<https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/occurrences/26039>>.
- BARROS, Alice de Almeida (2012). *Hábitos no habitar. Hábitos de morar e a criação do espaço arquitetônico*. «Drops». 12:057.04. Vitruvius. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/12.057/4386>>.
- BOM SUCESSO [s.d.]. INÊS LOBO. «Bom Sucesso. Resort. Óbidos. Portugal». [Consult. 25 mar. 2020]. Disponível em <<http://www.bomsucesso.net/en/architects/ines-lobo/>>.
- BRASIL. Conselho de Arquitetura e Urbanismo do (CAU/BR) [s.d.]. *O pai engenheiro e Vilanova Artigas, esteios da formação do arquiteto*. «CAU/BR». [Consult. 16 abr. 2020]. Disponível em <[http://www.caubr.gov.br/paulomendesdarocha/?page\\_id=32](http://www.caubr.gov.br/paulomendesdarocha/?page_id=32)>.
- BULLRICH, Francisco (1969). *New directions in Latin American Architecture*. London: Studio Vista.
- CAMPINAS. Prefeitura Municipal (2001). *Proposta de intervenção para o tombamento de uso e função de teatro no Centro de Convivência Cultural de Campinas “Carlos Gomes” e traçado tombado da praça Imprensa Fluminense*. [Consult. 14 abr. 2020]. Disponível em <<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/gestao-e-controle/arquivos/apresentacao-diretrizes-intervencao-centro-convivencia-cultural.pdf>>.
- CAMPINAS. Prefeitura Municipal. Comissão de Gerência do Programa Municipal de Parcerias Público-Privadas. (2012). *Apresentação das condições técnicas atuais das instalações e estrutura do Centro de Convivência Cultural*. [Consult. 27 jul. 2022]. Disponível em <<https://portal.campinas.sp.gov.br/secretaria/gestao-e-controle>>.
- CAMPINAS. Prefeitura Municipal (2015). *Plano Municipal do Verde. Diagnóstico*. [Consult. 14 abr. 2020]. Disponível em <[http://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/meio-ambiente/diagnostico\\_final\\_atualizado\\_22\\_12.pdf](http://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/meio-ambiente/diagnostico_final_atualizado_22_12.pdf)>.
- CAMPINAS. Secretaria Municipal (2012). *Reunião Ordinária: Ata 407*. [Consult. 14 abr. 2020]. Disponível em <[http://www.campinas.sp.gov.br/uploads/atas/142059\\_Atata\\_407.pdf](http://www.campinas.sp.gov.br/uploads/atas/142059_Atata_407.pdf)>.
- CARMONA-RIBEIRO, Ana Carolina; CARBONI, Bianca Nascimento (2019). *Mina Klabin and modern landscape design in Brazil*. «Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes». 39:2, 154-174. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14601176.2018.1486947>>.
- CASA DA ARQUITECTURA, prod. (2018a). *Duas casas, Paulo Mendes da Rocha, Cenas do estaleiro de obras da Casa do Quelhas*. Matosinhos: Casa da Arquitectura. Vídeo. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=02DaccYWvF4>>.
- CASA DA ARQUITECTURA, prod. (2018b). *Duas casas, Paulo Mendes da Rocha, Conversa com Carlos Andrade*. Matosinhos: Casa da Arquitectura. Vídeo.
- CASA DA ARQUITECTURA, prod. (2018c). *Paulo Mendes da Rocha: uma entrevista de Ana Sousa Dias*. Vídeo. [Consult. 17 abr. 2020]. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=23EMS4a\\_9GE](https://www.youtube.com/watch?v=23EMS4a_9GE)>.
- CASA DA ARQUITECTURA; AFP: Arquivo Fábio Penteado (2019). *Irradiações – Fábio Penteado*. Matosinhos: Casa da Arquitectura; São Paulo: Arquivo Fábio Penteado. Catálogo de Exposição.
- CHION, Michel (2011). *A audiovisão*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- CHOAY, Françoise (2001). *A alegoria do património*. São Paulo: Editora Estação Liberdade.
- CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CONSERVAÇÃO (2000). *Carta de Cracóvia 2000. Princípios para a conservação e o restauro do património construído*. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>>.



- ICOMOS: International Council on Monuments and Sites (1987). *Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas*. [Consult. 7 set. 2021]. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CARTAINTERNACIONALPARASALVAGUARDADASCIDADESHISTORICAS.pdf>>.
- ICOMOS: International Council on Monuments and Sites (1994). *Documento de Nara sobre a Autenticidade*. [Consult. 7 set. 2021]. Disponível em <[https://www.culturante.pt/fotos/editor2/1994-declaracao\\_de\\_nara\\_sobre\\_autenticidade-icomos.pdf](https://www.culturante.pt/fotos/editor2/1994-declaracao_de_nara_sobre_autenticidade-icomos.pdf)>.
- ICOMOS: International Council on Monuments and Sites (2008). *Declaração de Québec. Sobre a preservação do “Spiritu Loci”*. [Consult. 15 mar. 2020]. Disponível em <[https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16\\_Quebec\\_Declaration\\_Final\\_PT.pdf](https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf)>.
- INÊS LOBO ARQUITECTOS LDA [s.d.]a. *Office*. «Inês Lobo Arquitectos Lda». [Consult. 15 mar. 2020]. Disponível em <<https://www.ilobo.pt/page27.html>>.
- INÊS LOBO ARQUITECTOS LDA [s.d.]b. *QUELHAS House Lisbon, PT. 2010-2017*. «Inês Lobo Arquitectos Lda». [Consult. 15 mar. 2020]. Disponível em <<https://www.ilobo.pt/Quelhas.html>>.
- INVAMOTO, Denise (2011). *Gregori Warchavchik: de Odessa a São Paulo*. Entrevista com José Lira. «Entrevista». 12:047.01. Vitruvius. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/12.047/4026?page=4>>.
- ITAÚ CULTURAL (2019a). *Casa Modernista*. In *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural. Actual. 21 mai. 2019. [Consult. 7 set. 2021]. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao520266/casa-modernista>>.
- ITAÚ CULTURAL (2019b). *Paulo Mendes da Rocha*. In *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural. Actual. 2019. [Consult. 16 abr. 2020]. Disponível em <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa20547/paulo-mendes-da-rocha>>.
- ITAÚ CULTURAL (2020). *Gregori Warchavchik*. In *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural. Actual. 18 mar. 2020. [Consult. 2 ago. 2021]. Disponível em <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa226676/gregori-warchavchik>>.
- LACERDA, Mariana; ITIKAWA, Luciana; FALBEL, Anat (2019). *Ocupação Gregori Warchavchik*. São Paulo: Itaú Cultural, pp. 6-63. (Ocupação Itaú Cultural; 44).
- LAPA, José Roberto do Amaral (1996). *A cidade: Os Cantos e os Antros*. Campinas, 1850-1900. São Paulo: Edusp.
- LIRA, José Tavares Correia de (2007). *Ruptura e construção: Gregori Warchavchik, 1917-1927*. «Novos Estudos». 78:2, 145-167. [Consult. 7 set. 2021]. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n78/13.pdf>>.
- LIRA, José Tavares Correia de (2011). *Warchavchik: fraturas da vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify.
- LISBOA. Câmara Municipal [s.d.]. *Rua do Quelhas*. [Consult. 18 mar. 2020]. Disponível em <<http://www.cm-lisboa.pt/toponimia/resultados>>.
- LISBOA. Município de (2013). *Aviso n.º 5147/2013*. «Diário da República II Série». 74 (2013-04-16) 12489-12557.
- LUZURIAGA TORRES, María Fernanda (2012). *Paulo Mendes da Rocha: la prefabricación como solución tecnológica en el proyecto arquitectónico Casa Gerrasi*. Cuenca: Universidade de Cuenca. Dissertação de mestrado.
- MACADAR, Andrea (2006). *Paulo Mendes da Rocha*. «Entrevista». 07:02602. Vitruvius. [Consult. 20 abr. 2020]. Disponível em <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/07.026/3302>>.
- MACHADO, Débora (2009). *Público e comunitário: Projeto arquitetônico como promotor do espaço de convivência*. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu. Dissertação de mestrado.
- MALTA, João Carlos; BOURGARD, Joana (2018). *Lapa, o bairro que nasceu depois do terramoto*. «Rádio Renascença» (28 fev. 2018). [Consult. 7 set. 2021]. Disponível em <<https://rr.sapo.pt/2018/02/28/pais/lapa-o-bairro-que-nasceu-depois-do-terramoto/el/106857/>>.



- MATOSO, Joana (2013). *A habitação corrente da época pré-industrial em Lisboa: o caso do bairro da Madragoa*. Lisboa: Instituto Superior Técnico. Dissertação de mestrado.
- McLUHAN, Marshall (1962). *La Galaxie Gutenberg*. Paris: Mame.
- McLUHAN, Marshall (1967). *The Medium is the Message*. London: A Penguin Book.
- MEDEIROS, Benício (1997). 1947: *Crônica*. «Revista do Patrimônio». 26, 446-448.
- MEIRELES, Rafael (2019). *Centro de Convivência Cultural: valorização, preservação e uso do patrimônio moderno de Campinas*. In *IX Seminário Nacional do Centro de Memória UNICAMP / I Colóquio Gestão do Patrimônio Cultural*, pp. 1-17. [Consult. 7 set. 2021]. Disponível em <[https://www.ixseminarionacionalcmu.com.br/resources/anais/8/1559144145\\_ARQUIVO\\_Artigo-RafaelHJMeireles.pdf](https://www.ixseminarionacionalcmu.com.br/resources/anais/8/1559144145_ARQUIVO_Artigo-RafaelHJMeireles.pdf)>.
- MIGUEL, Jorge Marão (2002). *Casa e lar: a essência da arquitetura*. «Arquitextos». 03:029.11. Vitruvius. [Consult. 7 set. 2021]. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>>.
- MINDLIN, Henrique (1956). *Modern Architecture in Brazil*. New York: Reinhold.
- MUNARI, Bruno (1982). *Das Coisas Nascem Coisas*. Lisboa: Edições 70.
- NERI, Marcelo (2009). *A Economia do Brasil nos últimos 40 Anos e Perspectivas para o Futuro*. Rio de Janeiro: Centro de Políticas Sociais – Fundação Getúlio Vargas.
- NOBRE, Ana Luíza (2011). *Warchavchik. Fraturas da Vanguarda*. José Lira. «Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)». 13:1, 174-176. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/5139/513951687012.pdf>>.
- NOTHOMB, Amélie (2011). *Tuer le Père*. Paris: Albin Michel.
- OLIVEIRA, Camila (2011). *Gregori Warchavchik e a arquitetura brasileira*. «Drops». 11:040.06. Vitruvius. [Consult. 2 ago. 2021]. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/11.040/3704>>.
- OLIVEIRA, Camila Soares de (2008). *Warchavchik: ensaio para a modernidade*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Dissertação de mestrado.
- OTONDO, Catherine (2013). *Desenho e espaço construído: relações entre pensar e fazer na obra de Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Tese de doutoramento.
- OTONDO, Catherine (2018). *Casa Quelhas*. In ROCHA, Paulo Mendes da et al. *Duas Casas: Casa Gerassi, Casa Quelhas*. Matosinhos: Casa da Arquitectura, pp. 84-123.
- OTONDO, Catherine; GOUVÊA, José (2008). *Una charla sobre la Casa Gerassi*. «1:100: Selección de obras». 4:15, 20-29.
- PASSOS LARGOS [s.d.]. *Lapa*. «Passos Largos Imobiliária» [Consult. 20 set. 2022]. Disponível em <<https://www.passoslargos.pt/zonas/lisboa/lapa/>>.
- PEDROSO, Marialice (2003). *Metáfora da Modernidade – Theatro Municipal Carlos Gomes*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Tese de doutoramento.
- PELLICCIOTTA, Mirza, coord. (2015). 06: *Centro de Convivência Cultural. Inventário Patrimonial do Bem Arquitetônico*. [Consult. 7 set. 2021]. Disponível em <<https://iabcampinas.org.br/wp-content/uploads/2015/10/06-Centro-de-Convivencia.pdf>>.
- PENAFRIA, Manuela (2009). *Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s)*. In *VI Congresso SOPCOM*, pp. 1-10. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>.
- PENTEADO, Fábio (1998). *Fábio Penteado: Ensaios de Arquitetura*. São Paulo: Empresa das Artes.
- PERECIN, Tatiana (2003). *Azaléias e mandacarus: Mina Klabin Warchavchik, paisagismo e modernismo no Brasil*. São Carlos: Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado.
- PISANI, Daniele (2018). *Uma Cidade em Miniatura: a Casa na Obra de Paulo Mendes da Rocha*. In ROCHA, Paulo Mendes da et al. *Duas Casas: Casa Gerassi, Casa Quelhas*. Matosinhos: Casa da Arquitectura, pp. 12-21.

- PORTUGAL. Assembleia da República (2001). *Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro*. «Diário da República I-A Série». 209 (2001-09-08) 5808-5829.
- PORTUGAL. Assembleia da República (2012). *Lei n.º 56/2012, de 8 de novembro*. «Diário da República I Série». 216 (2012-11-08) 6454-6460.
- PROJETO (2003). *O trabalho de Arquitetura não pode ser solitário*. «Revista Projeto». 275 (15 jan. 2003). [Consult. 16 abr. 2020]. Disponível em <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/entrevista/paulo-mendes-da-rocha-o-trabalho-15-01-2003>>.
- PROJETO (2006). *Agora posso contar*. «Revista Projeto». 316. (19 jul. 2006). [Consult. 16 abr. 2020]. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/entrevista/paulo-mendes-da-rocha-19-07-2006>>.
- PRÓSPERO, Victor Piedade de (2011). *Arquitetura e mercado imobiliário: a construtora Warchavchik & Neumann e a verticalização de São Paulo entre 1952 e 1958*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Pesquisa de iniciação científica.
- RIBEIRO, Darcy (1995). *O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROVERONI, Silvia Cristina Denardi (2008). *Arquitetura moderna de Campinas: o caso do Centro de Convivência Cultural*. In *IV Encontro de História de Arte – IFCH/UNICAMP*, pp. 991-998. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2008/ROVERONI,%20Silvia%20Cristina%20Denardi%20-%20IVEHA.pdf>>.
- SAMPAIO, Nuno (2018). *Meu Endereço*. In ROCHA, Paulo Mendes da et al. *Duas Casas: Casa Gerassi, Casa Quêlhas*. Matosinhos: Casa da Architectura, pp. 6-11.
- SANTOS, Cecília Rodrigues dos (2003). *Paulo Mendes da Rocha: os lugares como páginas da dissertação de uma existência*. «Arquitextos». 04:038.09. Vitruvius. [Consult. 16 abr. 2020]. Disponível em <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.038/673>>.
- SÃO PAULO. Governo do Estado. CONSEMA (1995). *Ata da Reunião da 98.ª Reunião Ordinária do Plenário do Conselho Estadual do Meio Ambiente – Consema de 3 de maio de 1995*. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<https://smastr16.blob.core.windows.net/consema/2016/07/RO98.pdf>>.
- SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. CONPRESP (2018). *Resolução N.º 33/CONPRESP/2018*. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/re3318tombamentoobrasregoriowarchavchikretifpdf\\_1559070343.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/re3318tombamentoobrasregoriowarchavchikretifpdf_1559070343.pdf)>.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING Heloisa Murgel (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SELEME, Fernanda (2012). *La tectónica de la Casa Gerassi. El prefabricado en la obra de Paulo Mendes da Rocha*. Barcelona: Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona. Dissertação de mestrado.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida (2005). *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. 1.ª ed. Lisboa: Editorial Presença.
- SILVA, Raquel Henriques da [s.d.]. *Lisboa reconstruída e Ampliada (1758-1903)*. [Consult. 20 mar. 2020]. Disponível em <<http://cidadaniax.tripod.com/RHS2.pdf>>.
- SOROMENHO, Ana (2021). *Paulo Mendes da Rocha, o arquiteto do Museu dos Coches, em entrevista em 2017: “A independência da mente é o nosso único espaço privado”*. «Expresso» (24 mai. 2021). [Consult. 25 mai. 2021]. Disponível em <<https://expresso.pt/cultura/2021-05-24-Paulo-Mendes-da-Rocha-o-arquiteto-do-Museu-dos-Coches-em-entrevista-em-2017-A-independencia-da-mente-e-o-nosso-unico-espaco-privado-fc1fa63d>>.
- TAKAHASHI, Beatriz da Silva (2019). *Arquitetura em vão: estágio na Casa da Architectura (Matosinhos)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.
- TELLES, Sophia S. (1990). *Museu da Escultura*. «AU. Arquitetura e Urbanismo». 32 (out./nov.) 44-51.

- TREVISAN, Ricardo (2010). *Centro de Convivência de Campinas: um olhar sobre a arquitetura de Fábio Penteadó*. «Risco». 12, 33-49. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i12p33-49>.
- TUAN, Yi-Fu (1980). *Topofilia. Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: Difel.
- UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (1987). *Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas*. [Consult. 6 set. 2021]. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CARTAINTERNACIONALPARASALVAGUARDASCIDADESHISTORICAS.pdf>>.
- VILLAC, Maria Isabel (2014). *Paulo Mendes da Rocha. A 'arte de construir' e a transformação da matéria*. «En Blanco: Revista de Arquitectura». 13, 5-9.
- VILLAC, Maria Isabel (2016). *Técnica, arte e questões fundamentais da existência. Considerações sobre o discurso de Paulo Mendes da Rocha*. «Pós- FAUUSP». 23:39, 90-100. [Consult. 6 mar. 2020]. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v23i39p90-100>.
- XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo (1983). *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Editora Pini.
- ZEIN, Ruth Verde (2005). *A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953-1973*. São Paulo; Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de doutoramento.
- ZEIN, Ruth Verde; AMARAL, Izabel (2011). *A Feira Mundial de Osaka de 1970: o Pavilhão Brasileiro*. «ARQTEXTO». 16, 108-127. 1.